

**A SEQUÊNCIA DIDÁTICA  
COMO FACILITADORA DO ENSINO DE LEITURA E ESCRITA  
A PARTIR DE GÊNEROS TEXTUAIS**

*Joildes Santos de Sousa* (UESC)

[joisousa@hotmail.com](mailto:joisousa@hotmail.com)

*Josinéia Santos de Sousa* (UFRB)

[jhosineya@hotmail.com](mailto:jhosineya@hotmail.com)

*Elane de Jesus Santos* (UFRB)

[lanemorena22@hotmail.com](mailto:lanemorena22@hotmail.com)

### **1. Introdução**

A presente oficina é resultado das inquietações suscitadas nas aulas de metodologia do ensino de língua portuguesa, no curso de língua portuguesa, bem como do projeto intitulado *O Uso das Histórias em Quadrinhos nas Aulas de Língua Portuguesa: Compreendendo a Funcionalidade dos Recursos Linguísticos*, aplicado com estudantes do 6º ano do ensino fundamental II no de uma escola pública municipal na cidade de Mutuípe (BA).

Nota-se que crianças e adolescentes costumam encantar-se pelas histórias em quadrinhos, logo nos primeiros contatos com a leitura. Entretanto, a escola nem sempre está sensibilizada para o estudo deste gênero textual em sala de aula. Desta forma, valoriza mais os textos em prosa, como conto, crônica, etc., em detrimento de outros mais presentes no cotidiano dos estudantes, como é o caso dos histórias em quadrinhos, talvez por resquícios do pensamento retrógrado que durante muito tempo levou pais e mestres a desconfiarem que as aventuras fantasiosas das páginas multicoloridas das histórias em quadrinhos poderiam afastar crianças e jovens de leituras “mais profundas”, desviando-os assim de um amadurecimento “sadio e responsável”.

Sobre este pensamento, Mendonça aponta que “apesar de já serem aceitas como objeto de leitura fora das salas de aula, as histórias em quadrinhos ainda não foram de fato incorporadas ao elenco de textos com que a escola trabalha” (2010, p. 218). A referida autora ainda ressalta a importância dos elementos semióticos para a construção de sentido da leitura tanto para os adultos com baixo grau de letramento quanto para as crianças em fase de aquisição da escrita.

Quanto ao preconceito existente no tocante à qualidade textual deste gênero, Mendonça (2010) aponta que parte da falsa premissa de que ‘ler quadrinhos é muito fácil’, é encontrada até em manuais pedagógicos, levando a escola a se omitir na exploração das potencialidades pedagógicas das histórias em quadrinhos ou a subestimá-las enquanto objeto de leitura.

De certa forma, pode-se dizer que as histórias em quadrinhos vão ao encontro das necessidades do ser humano, na medida em que utilizam fartamente um elemento de comunicação que esteve presente na história da humanidade desde os primórdios: a imagem gráfica. O homem primitivo, por exemplo, transformou a parede das cavernas em um grande mural, em que registrava elementos de comunicação para seus contemporâneos: o relato de uma caçada bem sucedida, a informação da existência de animais selvagens em uma região específica, a indicação de seu paradeiro etc. (p. 8)

Em se tratando do trabalho com gêneros textuais a partir de sequência didática, a CENPEC defende que esta estratégia é significativa, pois ensina os alunos a dominar um gênero de texto de forma gradual, passo a passo. Além disso, “ao organizar uma sequência didática, o professor pode planejar etapas do trabalho com os alunos, de modo a explorar diversos exemplares desse gênero, estudar as suas características próprias e praticar aspectos de sua escrita antes de propor uma produção escrita final”.

É importante também ressaltar que nesse tipo de trabalho leitura, escrita, oralidade e aspectos gramaticais são trabalhados em conjunto, o que faz mais sentido para quem aprende, uma vez que quando se trata de gêneros, recorre-se a materialização dos textos que encontramos em nosso cotidiano e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. (MARCUSCHI, 2010).

Conforme Bakhtin (2003), todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem e o emprego da língua se dá através de enunciados concretos, proferidos e únicos, refletindo as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo e pelo estilo de linguagem, mas também por sua construção composicional.

Deve-se destacar que cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais são denominados gêneros do discurso. A diversidade e riqueza dos referidos gêneros são infundas, visto que são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque

em cada campo dessa atividade é integral de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado grupo e, além disso, há a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso.

As histórias em quadrinhos constituem um gênero discursivo secundário que, para Bakhtin (1993) aparecem em circunstâncias de comunicação cultural na forma escrita e que, muitas vezes em função do enredo desenvolvido, englobam os gêneros discursivos primários correspondentes a circunstâncias de comunicação verbal espontânea. Outra característica é o fato de que, segundo Assis (2002), os gêneros produzidos na interface oral/escrita são necessariamente secundários, como é o caso das histórias em quadrinhos. (MARINHO)

O trabalho com os gêneros textuais não devem firmar-se apenas no entretenimento, como se vê em alguns manuais ou livros didáticos. Conforme Marchuschi (2010), explorar os gêneros é uma das formas de atender a proposta oficial dos PCN, além de dar a oportunidade de observar tanto a oralidade e a escrita em seus usos mais autênticos, sem estar limitado aos gêneros que na maioria das vezes só se encontra no ambiente escolar.

Portanto, infere-se que o trabalho com os gêneros contribui para o ensino da leitura, da escrita, bem como para o desempenho da oralidade. Quando dominam os gêneros mais correntes na vida cotidiana, os alunos são capazes de perceber o jogo que frequentemente se faz por meio de manobras discursivas que caracteriza determinado texto como tal.

## **2. Objetivos**

### **2.1. Objetivo geral**

- ✓ Interpretar de modo reflexivo histórias em quadrinhos e analisar as estratégias de organização da mesma, reconhecendo suas especificidades enquanto gênero textual.

### **2.2. Objetivos específicos**

- ✓ Dominar o mecanismo e os recursos do sistema de representação escrita, compreendendo suas funções.
- ✓ Reconhecer as revistas em quadrinhos como uma forma de comunicação e entretenimento.

- ✓ Reconhecer as especificidades desses textos: onomatopeias, os tipos de balões, o humor, as características dos personagens etc.
- ✓ Ler e produzir histórias em quadrinhos com autonomia, concebendo-a como um texto didático.
- ✓ Compreender a variedade linguística presente nas histórias em quadrinhos.
- ✓ Fazer transposição textual.

### 3. Metodologia

Partindo da ideia de que a aquisição efetiva da língua não se dá por meio de construções pragmáticas, mas a partir do seu uso em situação real, o presente projeto é proposto considerando a história em quadrinhos como gênero textual dará suporte para o desenvolvimento linguístico dos estudantes.

Desta forma, a estratégia usada será a elaboração de uma sequência didática, que, conforme Dolz et alii, se constitui num “conjunto de atividades escolares, organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. A sequência didática é planejada, pensando na aplicação de 10 atividades, que incluem leitura, compreensão e produção de histórias em quadrinhos e vídeos.

Assim, os conteúdos a serem trabalhados a partir desta sequência didática são: estudo do gênero textual história em quadrinhos, leitura de textos impressos, produção oral e escrita a partir de debates sobre os textos lidos, reflexão acerca da variedade linguística.

Para tanto se faz necessários os recursos didáticos a seguir: lousa, piloto, textos xerocados, gibis, notebook, datashow.

#### 3.1. Esquema da sequência didática

##### 3.1.1. Produção inicial

<b>Objetivo:</b> Estabelecer o primeiro contato com o gênero textual.	
<b>Procedimentos:</b>	
i.	Conduzir os estudantes até a biblioteca da escola.
ii.	Orientá-los a escolher gibis, conforme o título que mais chamar a atenção e fazerem a leitura do mesmo.
iii.	Promover um momento de socialização, no qual cada estudante contará de for-

ma resumida a história lida.
<b>Recursos:</b> Gibis
<b>Tempo previsto:</b> 1 aula (50 minutos)

### 3.1.2. Sensibilização para as atividades

<b>Objetivo:</b> Sensibilizar os estudantes para leitura e escrita de histórias em quadrinhos na escola.
<b>Procedimentos:</b> <ol style="list-style-type: none"> <li>i. Estabelecer uma roda de conversa com os estudantes, perguntando se eles costumam ler histórias em quadrinhos, com que frequência fazem isso e onde?</li> <li>ii. Perguntar quais critérios utilizam para identificar uma história em quadrinho e se acredita que atividades envolvendo este gênero textual podem contribuir para a formação leitora deles, justificando a opinião.</li> <li>iii. Explicar aos alunos que visando produzir uma coletânea de histórias em quadrinhos criados por alunos da escola, eles estarão desenvolvendo atividades voltadas para este gênero, afim de que entendam melhor este gênero e possam produzir seus textos.</li> <li>iv. Distribuir para os estudantes a cópia do conto fabuloso “A verdadeira história dos três porquinhos”.</li> <li>v. Solicitar que façam a leitura e identifiquem as principais diferenças entre o texto lido e a história que eles conhecem, a partir dos seguintes questionamentos: Quais as consequências da história estar sendo narrada pelo lobo? Se fosse narrada por um dos porquinhos, a história seria a mesma?</li> </ol>
<b>Recursos:</b> xerox dos textos
<b>Tempo previsto:</b> 1 aula (50 minutos)

### 3.1.3. Comparação de textos

<b>Objetivo:</b> Estabelecer a diferença entre um texto em prosa e uma história em quadrinhos.
<b>Procedimentos:</b> <ol style="list-style-type: none"> <li>i. Apresentar para os estudantes a história em quadrinhos “Cascão – Os 3 Porquinhos” de Maurício de Sousa.</li> <li>ii. Fazer uma leitura coletiva, cada pessoa lê um quadrinho.</li> <li>iii. Estabelecer uma conversa informal sobre o texto lido, indicando quais os aspectos que mais chamou atenção.</li> <li>iv. Perguntar aos estudantes quais as diferenças percebidas entre o conto lido na aula anterior e o quadrinho em estudo. A diferença se dá apenas na forma que a história é contada? E a estética do texto em que se diferenciam?</li> <li>v. Em seguida, propor uma interpretação escrita do texto, estabelecendo um paralelo entre o conto e a história em quadrinhos.</li> <li>vi. Correção da interpretação escrita.</li> </ol>
<b>Recursos:</b> Xerox
<b>Tempo previsto:</b> 2 aulas (100 minutos)

*3.1.4. Caracterizando a história em quadrinhos*

<b>Objetivo:</b> Identificar as características textuais da história em quadrinhos.
<b>Procedimentos:</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>i. Distribuir xerocada uma apostila resumo sobre as características da história em quadrinho.</li> <li>ii. Fazer a leitura com os estudantes e estimulá-los a identificar os elementos textuais (legenda, balão, expressão fisionômica, etc.) na história em quadrinho lida na aula anterior.</li> </ul>
<b>Recursos:</b> Texto da aula anterior e apostila.
<b>Tempo previsto:</b> 1 aula

*3.1.5. Compreendendo as variedades linguísticas*

<b>Objetivo:</b> Compreender e respeitar as variedades linguísticas.
<b>Procedimentos:</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>i. Levar tirinhas de Chico Bento para sala de aula.</li> <li>ii. Conversar com os estudantes sobre os personagens da tirinha. Já conhecem? Qual a característica marcante?</li> <li>iii. Junto com os estudantes, identificar na tirinha palavras ou expressões que fogem da norma padrão, esclarecendo os fatores que propiciam a existência da variedade linguística.</li> <li>iv. Sensibilizar os estudantes para o respeito a variedade linguística, explicando que nenhuma variedade é superior a outra, embora alguma seja mais adequada que outra em determinadas situações.</li> <li>v. Propor uma entrevista para ser realizada em casa com familiares, vizinhos, etc., sobre o preconceito linguístico.</li> </ul>
<b>Recursos:</b> Xerox
<b>Tempo previsto:</b> 1 aula

*3.1.6. Discutindo o preconceito linguístico*

<b>Objetivo:</b> Socializar as entrevistas, identificando os pontos em comum, respeitar as variações, evitando o preconceito linguístico.
<b>Procedimentos:</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>i. Com a turma organizada em semicírculo, incentivar os estudantes a socializarem as entrevistas.</li> <li>ii. Identificar com eles expressões próprias da linguagem popular. Estabelecer os seguintes questionamentos: Vocês já usaram ou já ouviram alguém usando? A que expressão da norma padrão elas correspondem? Qual a sua opinião sobre as pessoas que tratam com deboche aqueles que falam de um jeito diferente?</li> <li>iii. Esclarecer para os estudantes que a atitude de criticar os que usam uma linguagem diferenciada se constitui um preconceito linguístico. Não existe uma língua superior a outra, mas que devemos dar conta da linguagem padrão, visto que em algumas situações do cotidiano ele é exigida.</li> </ul>
<b>Recursos:</b> Lousa, pincel.
<b>Tempo previsto:</b> 1 aula

## 3.1.7. Analisando vídeos

<b>Objetivo:</b> Analisar os vídeos, verificando os diferentes valores entre quem mora no campo e quem mora na cidade.
<b>Procedimentos:</b> <ol style="list-style-type: none"> <li>i. Sensibilizar a turma para apreciação dos vídeos.</li> <li>ii. Exibir os vídeos “<i>Na roça é diferente</i>” e “<i>Chico Bento na roça</i>”.</li> <li>iii. Estimular os estudantes a explicitarem o que mais chamou atenção no vídeo (linguagem, ambiente, modo de vida, valores).</li> <li>iv. Discutir com os estudantes as diferenças de valores sociais, culturais entre os moradores do campo e os moradores da cidade, mostrando como elas interferem no nosso estilo de vida.</li> </ol>
<b>Recursos:</b> Datashow, notebook, pen-drive.
<b>Tempo previsto:</b> 1 aula

## 3.1.8. Produzindo a história em quadrinhos.

<b>Objetivo:</b> Fazer uma transposição textual, transformando um conto fabuloso numa história em quadrinhos.
<b>Procedimentos:</b> <ol style="list-style-type: none"> <li>i. Distribuir o livro “Um porco vem morar aqui” (conto fabuloso) de Cláudia Fries.</li> <li>ii. Fazer a leitura coletiva com os estudantes, refletindo as atitudes preconceituosas de cada animal presente na obra quanto ao novo vizinho (o porco).</li> <li>iii. Ressaltar a importância de não julgar as pessoas, sem conhecê-las, mostrando que mesmo diferentes cada ser tem características positivas e negativas.</li> <li>iv. Distribuir papel ofício para os estudantes e solicitar que façam a transposição textual, transformando o conto lido em história em quadrinhos.</li> <li>v. Chamar a atenção para a necessidade de fazer uso dos elementos estruturais e gráficos da história em quadrinhos (balão, legenda, onomatopéia etc.)</li> </ol>
<b>Recursos:</b> livro, papel ofício, lápis.
<b>Tempo previsto:</b> 1 aula

## 3.1.9. Revisando a produção textual

<b>Objetivo:</b> Verificar se o texto atende aos pré-requisitos da história em quadrinhos, fazendo os devidos ajustes através da reescrita.
<b>Procedimentos:</b> <ol style="list-style-type: none"> <li>i. Propor que os estudantes troquem entre si as suas produções textuais.</li> <li>ii. Pedir que sinalizem no texto dos colegas, as possíveis erros para que sejam corrigidos.</li> <li>iii. Fazer a devolução dos textos para que o colega analise as correções e faça a reescrita, inclusive colorindo os quadrinhos.</li> <li>iv. Recolher os textos dos alunos para que sejam encadernados e posteriormente divulgados e publicados na biblioteca da escola.</li> </ol>
<b>Recursos:</b> papel ofício, caneta, lápis de cor.
<b>Tempo previsto:</b> 2 aulas.

#### 4. Avaliação

O processo avaliativo obedecerá aos seguintes critérios da avaliação formativa, a qual busca detectar dificuldades suscetíveis de aparecer durante a aprendizagem a fim de corrigi-las imediatamente, visto que seu foco está no processo de ensino-aprendizagem. Desta forma, essa modalidade de avaliação fornece informações sobre o desenvolvimento do aluno favorecendo que a prática docente se ajuste às necessidades discentes durante o processo. (<http://www.portalavaliacao.caedufjf.net>)

Ao fim da aplicação da sequência didática, que culmina com a produção final, como pressupõe esta estratégia de trabalho, será atribuída uma nota. Mas vale ressaltar que o processo avaliativo não se fundamentará apenas no instrumento, mas em todo processo de aprendizagem sobre o gênero. Como pressupõe Luckesi, a

avaliação pode ser caracterizada como uma forma de ajuizamento da qualidade do objeto avaliado, fator que implica uma tomada de posição a respeito do mesmo, para aceitá-lo ou para transformá-lo. A avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo, em vista uma tomada de decisão. (LUCKESI, 2002, p. 33)

Portanto, neste projeto não cabe a avaliação classificatória, preocupada apenas com o fim do processo. Por outro lado, ela deverá ser capaz de identificar e acompanhar a evolução dos estudantes, identificando os pontos que precisam de mais atenção para que a aprendizagem seja efetiva.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.

*Chico Bento na Roça É Diferente*. Disponível em:  
<<http://www.youtube.com/watch?v=j88AkLchQoU>>.

*Chico Bento no Shopping*. Disponível em:  
<<http://www.youtube.com/watch?v=y441fFNYG9Y>>.

DOLZ et alii. *Seqüências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento*. Bruxelas: De Boeck, 2001.

FRIES, Cláudia. *Um porco vem morar aqui!* São Paulo: Brinque Book, 2000. Disponível em:

<<http://www.portalavaliacao.caedufjf.net/pagina-exemplo/tipos-de-avaliacao/avaliacao-formativa>>.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Maneiras de avaliar a aprendizagem. Pátio*. São Paulo, ano 3, n. 12, p. 7-11, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola, 2010.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola, 2010.

RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (Orgs.). *Como usar histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.

**ANEXOS****A VERDADEIRA HISTÓRIA DOS TRÊS PORQUINHOS**

Em todo o mundo, as pessoas conhecem a história dos Três Porquinhos. Ou pelo menos, acham que conhecem. Mas, eu vou contar um segredo. Ninguém conhece a história verdadeira, porque ninguém jamais escutou o meu lado da história.

Eu sou o lobo Alexandre T. Lobo. Pode me chamar de Alex. Eu não sei como começou este papo de Lobo Mau, mas está completamente errado. Talvez seja por causa de nossa alimentação. Olha, não é culpa minha se lobos comem bichinhos engraçadinhos como coelhos e porquinhos. É apenas nosso jeito de ser. Se os cheeseburgers fossem uma gracinha, todos iam achar que você é Mau.

Mas como eu estava dizendo, todo esse papo de Lobo Mau está errado. A verdadeira história é sobre um espirro e uma xícara de açúcar.

No tempo do Era Uma Vez, eu estava fazendo um bolo de aniversário para minha querida vovozinha. Eu estava com um resfriado terrível, espirrando muito. Fiquei sem açúcar. Então resolvi pedir uma xícara de açúcar emprestada para o meu vizinho. Agora, esse vizinho era um porco. E não era muito inteligente também. Ele tinha construído a casa de palha. Dá para acreditar? Quero dizer, quem tem a cabeça no lugar não constrói uma casa de palha. É claro que sim, que bati, a porta caiu. Eu não sou de ir entrando assim na casa dos outros. Então chamei: “Porquinho, você está aí?” Ninguém respondeu.

Eu já estava a ponto de voltar para casa sem o açúcar para o bolo de aniversário da minha querida e amada vovozinha. Foi quando meu nariz começou a coçar. Sentí o espirro vindo. Então inflei. E bufei. E soltei um grande espirro.

Sabe o que aconteceu? Aquela maldita casa de palha desmoronou inteirinha. E bem no meio do monte de palha estava o Primeiro Porquinho – mortinho da silva. Ele estava em casa o tempo todo. Seria um desperdício deixar um presunto em excelente estado no meio daquela palha toda. Então eu o comi. Imagine o porquinho como se ele fosse um grande cheeseburger dando sopa.

Eu estava me sentindo um pouco melhor. Mas ainda não tinha minha xícara de açúcar. Então fui até a casa do próximo vizinho. Esse era um pouco mais esperto, mas não muito. Tinha construído a casa com lenha. Toquei a campainha da casa com lenha. Ninguém respondeu. Chamei: “Senhor Porco, senhor Porco, está em casa?”

Ele gritou de volta: “Vá embora Lobo. Você não pode entrar. Estou fazendo a barba de minhas bochechas rechonchudas”. Ele tinha acabado de pegar na maçaneta quando senti outro espirro vindo. Inflei. E bufei. E tentei cobrir minha boca, mas soltei um grande espirro. Você não vai acreditar, mas a casa desse sujeito desmoronou igualzinho a do irmão dele.

Quando a poeira baixou, lá estava o Segundo Porquinho – mortinho da silva. Palavra de hora. Na certa você sabe que comida estraga se ficar abandonada ao relento. Então fiz a única coisa que tinha de ser feita. Jantei de novo. Era o mesmo que repetir um prato. Eu estava ficando tremendamente empanurrado. Mas estava um pouco melhor do resfriado.

E eu ainda não conseguira aquela xícara de açúcar para o bolo de aniversário da minha querida e amada vovozinha. Então fui até a casa do próximo vizinho. Esse sujeito era irmão do Primeiro e do Segundo Porquinho. Devia ser o crânio da família. A casa dele era de tijolos. Bati na casa de tijolos. Ninguém respondeu. Eu chamei: “Senhor Porco, o senhor está?” E sabe o que aquele leitãozinho atrevido me respondeu? “Caia fora daqui, Lobo. Não me amole mais.”

E não me venham acusar de grosseria! Ele tinha provavelmente um saco cheio de açúcar. E não ia me dar nem uma xicrinha para o bolo de aniversário da minha vovozinha. Que porco! Eu já estava quase indo embora para fazer um lindo cartão em vez de um bolo, quando senti um espirro vindo. Eu inflei. E bufei. E espirrei de novo.

Então o Terceiro Porco gritou: “E a sua velha vovozinha pode ir às favas.” Sabe sou um cara geralmente bem calmo. Mas quando alguém fala desse jeito da minha vovozinha, eu perco a cabeça. Quando a polícia chegou, é evidente que eu estava tentando arrebentar a porta daquele Porco. E todo o tempo eu estava inflando, bufando e espirando e fazendo uma barulheira.

O resto, como dizem, é história.

Tive um azar: os repórteres descobriram que eu tinha jantado os outros dois porcos. E acharam que a história de um sujeito doente pedindo açúcar emprestado não era muito emocionante. Então enfeitaram e exageraram a história como todo aquele negócio de “bufar, assoprar e derrubar sua casa”.

E fizeram de mim um Lobo Mau. É isso aí. Esta é a verdadeira história. Fui vítima de armação. Mas talvez você possa me emprestar uma xícara de açúcar”.

*Autor desconhecido*

## TIRINHAS



Copyright © 1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.



Copyright © 2002 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

6586

## ENTREVISTA

Nome do entrevistado: \_\_\_\_\_

\*Idade: \_\_\_\_\_

\*Sexo: \_\_\_\_\_

\*Naturalidade: \_\_\_\_\_

\*Onde vive atualmente: \_\_\_\_\_

\*Escolaridade: \_\_\_\_\_

\*Profissão: \_\_\_\_\_

Perguntas ao entrevistado:

- 1) Você se lembra de alguma expressão que é típica do lugar onde você mora?
- 2) Você já foi criticado alguma vez por falar/escrever alguma palavra errada? Lembra-se qual foi o erro cometido?
- 3) Você costuma corrigir as pessoas quando as ouve dizer/escrever alguma coisa "errada"?

### UM PORCO VEM MORAR AQUI



Um dia, quando Gabriela Galinha estava pendurando a roupa no varal, o Doutor Raposo saudou-a com uma notícia: um novo vizinho mudaria naquele dia para o prédio.

Clóvis Coelho dizia:

– Espero que venha um gato limpo ou um tatu ordeiro.

– Ai, ai! – suspirou Gabriela. – Tomara que seja alguém sossegado e asseado.

– Logo eles ouviram o novo inquilino chegando.

– Meu Deus! – exclamou Gabriela. – É... um porco! Um porco vem morar aqui! Assim não dá, todo mundo sabe que os porcos são bagunceiros, sujos e lamacentos.

Mais tarde, Doutor Raposo se encontrou com o porco que carregava lenha, aliás mais derrubava pela calçada, do que carregava.

Doutor Raposo foi reclamar com Gabriela Galinha.

– Que bagunça! Aquele porco deixou lenha espalhada pela calçada.

Quando Gabriela olhou pela janela não viu nada. Ela achou que o Doutor Raposo havia varrido tudo, mas na verdade quem varreu foi o porco, e depois subiu para acender a lareira.

Depois foi a vez da Galinha. Ao ver o porco chegando, se escondeu e o viu derrubando um saco de farinha que se espatifou, espalhando a farinha no chão.

Gabriela Galinha foi reclamar com Clóvis Coelho:

– Aquele porco deixou a entrada do prédio coberta de farinha.

Quando Clóvis foi olhar, não viu nada e achou que Gabriela tinha limpa-do. Mas foi o porco que varrer e limpou todo o chão. Depois, ele foi para a

cozinha fazer biscoito de canela. Clóvis Coelho estava curioso para saber o que estava acontecendo e não pôde acreditar quando viu o porco levando lama para seu apartamento, a lama escorria pelo chão e o porco pisava nela, deixando rastros de pegadas enlameadas. Clóvis foi correndo contar para Dr. Raposo e Gabriela.

Os amigos indignados foram ver a sujeira mas, já estava tudo limpo e eles pensaram que Clóvis limpara.

O porco já havia lavado a escada três vezes e não era lama, mas argila que ele utilizava para fazer cerâmica na sua oficina.

Indignados com tanta sujeira, decidiram ir conversar com o porco.

– Se o porco quer morar no nosso prédio terá que se comportar direito. Senão ele vai ter que ir embora! – Disse Gabriela Galinha

Tocaram a campainha: Blim-blom! Blim-blom!

– Oh... Olá! – disse o porco. E para surpresa de todos, um aroma doce de rosquinhas de canela emanou pelo corredor e eles escutaram o fogo crepitando na sala do porco.

– Vimos uma bagunça na entrada do prédio – começou a dizer o Dr. Raposo!

– Ah! peço mil desculpas e espero que eu tenha limpado tudo direitinho. – O Doutor

Raposo, Gabriela Galinha e Clóvis Coelho ficaram admirados e arrependidos por terem achado que ele era um verdadeiro porco.

Então os bichos, continuando a conversa, perceberam que fora o próprio porco que limpou tudo o que sujou.

– Meu nome é Henrique – falou o Porco.

– Querem lanchar comigo?

E todos aceitaram. Ficaram espantados ao ver como era clara e asseada a cozinha de Henrique. Admiraram as xícaras e os potes feitos em sua oficina. Ele também confeccionou um jogo com peças especiais para todos seus novos vizinhos.

– Seu apartamento é lindo! – disseram os vizinhos, saboreando os biscoitos e imaginando as tardes agradáveis que passariam juntos.

Que vizinho maravilhoso eles tinham!

Adaptado de Cláudia Fries.

*Um porco vem morar aqui!*

São Paulo: Brinque Book, 2000.